

OBSERVATÓRIO CONTRA A FRAUDE**Um copo com água**

O importante deixou de ser a pessoa do cliente, mas o valor do que consome...



António João Maia

Há dias combinei encontrar-me com dois amigos que já não via há algum tempo para, numa pastelaria do centro de Lisboa e ao final da tarde, porcos a conversa em dia e tomarmos um café.

Acabei por me encontrar com um deles junto das imediações da dita pastelaria e, depois de entrarmos, vimos que a nossa amiga já nos esperava sentada numa mesa, a tomar um chá. Enquanto nos cumprimentávamos todos, o empregado que servia as mesas abeirou-se de nós para saber o que pretendíamos tomar. Pedimos ambos uma empada e um café, a que eu adicionei “e um copo com água”.

Instantes depois, enquanto conversávamos, o mesmo empregado trouxe-nos as empadas e os cafés e, quando já virava costas, eu disse-lhe “desculpe senhor, mas esqueceu-se do meu copo com água”, ao que, de imediato, a nossa amiga que tomava o seu chá disse também “já agora traga também o meu, que lhe pedi há pouco”. Pouco depois tínhamos os dois copos com água na nossa mesa.

Estivemos depois ali os três a conversar, talvez mais de uma hora e, como será bom de ver, nenhum de nós fez qualquer comentário sobre os copos com água, até porque naquele momento tínhamos temas de conversa para desembrulhar bem mais interessantes do que qualquer copo com água.

Mais tarde, quando regressava a casa, acabei por rever a cena e reflectir, de mim para mim, sobre ela. Constatei então que esta não tinha sido a primeira nem a segunda vez – e provavelmente não será a última – em que o esquecimento do “copo com água” tinha sucedido. E não estou a referir-me à mesma pastelaria. A cena me já aconteceu em diversas pastelarias e cafés, mesmo noutras cidades.

Não sei se o leitor tem a mesma experiência ou sequer se repara nestas insig-

nificâncias. De todo o modo parecem-me ser mais do que meras coincidências. Em meu entender elas traduzem uma questão de atitude – o importante deixou de ser a pessoa do cliente, mas o valor do que consome...

É verdade que as pastelarias centrais das cidades costumam ter uma movimentação considerável de pessoas, muitas vezes apressadas, para tomar um simples café de fugida, o que torna o trabalho dos empregados numa verdadeira correria. E, neste contexto, é perfeitamente aceitável e até admissível que possam esquecer algum dos nossos pedidos. Porém não é menos verdade que em regra não se esquecem de muito mais coisas do que o tal copo com água. Seria interessante que um dia trouxessem o copo com água mas esquecessem o resto – o café e o salgado...

É que, e este é o ponto central que quero focar, o copo com água não tem nenhum valor monetário associado. Ele custa zero ao cliente e traduz a entrada de zero na linha das receitas. E os estabelecimentos estão ali para gerar rendimentos a quem os detém

– o investidor – e para suportar os salários dos que neles trabalham. Percebo perfeitamente que é assim que o mundo funciona e que tudo fora disto seja pura ficção ou sonho. Mas, como dizia na última crónica que partilhei neste espaço em 22 de Agosto – o elo perdido –, a economia e as regras de mercado não podem funcionar só focadas no lucro. Elas existem essencialmente para servir as pessoas. Foi esse o fundamento do seu aparecimento e não podemos deixar que a ideia do lucro o subverta, ou sequer que o coloque em segundo plano, sob pena de, no limite, recusarmos dar um simples copo de água a alguém que não tenha dinheiro para adquirir qualquer coisa para comer...

As pessoas e a dignidade humana devem continuar a ser e a estar no centro do jogo da vida em sociedade...

*Antropólogo, mestre em sociologia
Escreve à sexta-feira*



Copo de água sem tempestade

SESSÕES CONTINUAS

LAURO ANTÓNIO

Ora agora viro eu, ora agora viras tu

Agora que se aproximam as eleições para as primárias do PS, pouco haverá já a acrescentar em relação a este acontecimento que terá o seu epílogo no próximo domingo. Pouco haverá para dizer que já não tenha sido suficientemente sufragado pelo próprio comportamento dos dois candidatos. Um pode ser uma incógnita para muitos de nós, mas o outro deixou cair a máscara e mostrou que não encontra nos princípios do socialismo democrático qualquer razão para ali se acoirar. Erro de casting que tem custado caro aos portugueses, e não só aos que votaram PS nas últimas eleições.

Por outro lado, a “integridade” e a “transparência” do senhor primeiro-ministro sofreu rude golpe nos últimos dias. Depois de alguns ministros terem feito acto de contrição e pedido desculpa de “erros seus e má fortuna” a que só faltou “amor ardente”, Pedro Passos Coelho deve estar a preparar por estas horas mais um mea culpa por não se lembrar de ter recebido dois ordenados, quando só podia legalmente receber um, o que num político não é pecadilho de somenos. Confesso que me incomoda particularmente esta sanha persecutória contra tudo e todos e este “jornalismo de investigação” que se prepara para nos deixar sem qualquer vestígio de credibilidade onde quer que seja, mas sobretudo na política. Hoje em dia é seguramente muito difícil encontrar pessoas competentes e honestas para desempenharem cargos públicos, pois esses, competentes e honestos, não se sujeitam a esta lavagem de roupa suja que pode ser autêntica ou não. Temos de convir que se muitos políticos correm atrás do dinheiro sem olhar a meios, a verdade é que deverão existir iguais personagens em todas as profissões, incluindo nos meios de comunicação social. Começa-se, pois, a não acreditar em nada, o que é péssimo para uma vivência em liberdade e democracia. Tanto mais que este jogo de tapa e destapa escândalos, ora agora deste lado, ora agora do outro, não augura nada de bom. Por isso, senhor primeiro-ministro, era óptimo que esclarecesse, de uma vez por todas, este imbróglio, com mea culpa ou sem ela. Tirando ou não daí as “devidas consequências”. *Escreve à sexta-feira*